

A PRÁTICA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE DE JATAÍ-GO: Evolução pessoal e aprimoramento profissional.

Bruna Trevizoli Ferraz Lobo – Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás, Câmpus Jataí. brunatrevizoli@gmail.com, Universidade Federal de Goiás, Câmpus Jataí, Rua Riachuelo. 75804-020 – Jataí – GO – Brasil. Telefone: (064) 36068127

Érico Douglas Vieira – Professor do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás, Câmpus Jataí. Especialista em Psicodrama, Mestre em Psicologia, Doutorando em Psicologia.

RESUMO Este trabalho descreve uma experiência de estágio em Psicologia da Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí, que foi realizado em uma instituição de saúde. As diferenças entre a atuação do psicólogo no hospital e a atuação tradicional clínica em Psicologia foram traçadas. O profissional deve adaptar as intervenções ao contexto hospitalar bem como tecer relações com os outros profissionais de saúde. A supervisão semanal com docente do curso de Psicologia pretendeu trabalhar em duas frentes. Havia um momento didático/pedagógico no qual os atendimentos eram relatados pela estagiária e estratégias de intervenção co-construídas entre esta e o supervisor. Havia um segundo momento, clínico/terapêutico no qual o supervisor trabalhava com a escuta dos sentimentos suscitados pela prática do estágio e pela vivência do último ano do curso. Constatou-se uma articulação entre a evolução pessoal da estagiária, facilitada por este espaço clínico, com o desenvolvimento de estratégias de atendimentos mais eficazes e humanizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Hospitalar; supervisão; evolução pessoal.

THE PRACTICE OF TRAINING IN PSYCHOLOGY IN A HEALTH INSTITUTION IN JATAÍ – GO: personal evolution and professional development

ABSTRACT This paper describes a training experience in Psychology, Universidade Federal de Goiás - Campus Jataí, which was conducted in a health institution. The differences

between the psychologist in the hospital and the traditional role in clinical psychology were drawn. The professional must adapt interventions to the hospital setting and establishing relations with other health professionals. The weekly supervision with preceptor of the Psychology course intended to work on two fronts. There was a time instructional in which the treatments were reported by the intern and intervention strategies co-constructed between the student and the preceptor. There was a second time, clinical in which the supervisor worked with listening to the feelings aroused by the practice of training and experience of senior year. There was a link between the personal intern, facilitated by this clinical space, with the development of strategies for more effective and humane care.

KEY-WORDS: Health Psychology; supervision; personal evolution.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretende-se relatar uma experiência de estágio em Psicologia realizado em uma instituição de saúde na cidade de Jataí-GO. Trata-se do estágio profissionalizante do último ano da graduação em Psicologia do Campus Jataí da Universidade Federal de Goiás. O estágio foi realizado no Centro Municipal de Saúde Dr. Serafim de Carvalho, conhecido como Centro Médico de Jataí com a orientação de uma profissional psicóloga no campo de estágio, além da supervisão semanal com docente do curso. Esta supervisão pretendeu ter um caráter didático, no sentido de orientar as intervenções e, ao mesmo tempo, um caráter clínico de escuta por parte do supervisor das questões emocionais da estagiária, dado que tais questões interferem diretamente nos atendimentos no campo de estágio. Temos como foco descrever o âmbito de atuação do Psicólogo na área da saúde e no hospital e traçar as diferenças destas ações em relação à Psicologia Clínica tradicional. Depois haverá o relato das intervenções realizadas no hospital e da conseqüente evolução pessoal da estagiária. Por fim, será descrito o espaço da supervisão semanal com o docente no intuito de demonstrar que é conveniente que o docente com formação em Psicologia abra um espaço clínico de escuta nas supervisões.

A PSICOLOGIA DA SAÚDE E HOSPITALAR

A psicologia da saúde é um campo da psicologia institucionalizado há algum tempo que conta com três tipos de enfoques, sendo eles: o clínico, que se caracteriza por ações no sistema de saúde, como clínicas, centros de saúde e hospitais. A sua atuação tem como foco pacientes com distúrbios específicos; o público, que se aplica a fim de melhorar a saúde da população em geral, focando suas ações em grupos de risco; e o comunitário, o qual se destina a famílias e comunidades com o objetivo de criar autonomia e mudança social (ARAÚJO, 2001). A psicologia hospitalar é um campo mais recente da área, que se caracteriza por ações no contexto hospitalar. Ela teria um caráter clínico, podendo ter sua atuação em grupo ou individualmente (ARAÚJO, 2001).

Alguns desafios são vivenciados na prática do psicólogo hospitalar. A atuação do psicólogo no contexto hospitalar é uma vertente da Psicologia extremamente polêmica quando se questiona sobre o papel da Psicologia na realidade de tal instituição e, ainda, se o profissional está apto a exercer tal função. Alguns profissionais da equipe de saúde consideram fundamental a presença do psicólogo no contexto hospitalar; enquanto outros, muitas vezes, dispensam o serviço da Psicologia. Além disso, a formação acadêmica oferece poucos subsídios teóricos que possam embasar a prática profissional, abrindo assim, espaço para o questionamento se o profissional está apto para se engajar nessa área. Isso acontece pelo fato de que o olhar na formação acadêmica está direcionado a outros tipos de atuações da Psicologia, como a Clínica, a Escolar e a Organizacional (ANGERAMI-CAMON, 1994). Ainda há uma predominância do enfoque clínico tradicional na formação do psicólogo, sendo que a realidade hoje demanda uma versatilidade e atuações diversas do profissional que vão além do âmbito do consultório privado.

A atuação do psicólogo na área hospitalar acontece de maneira diferente da clínica tradicional, pois existem diversos limites institucionais que permeiam o trabalho psicológico em tal contexto. Além disso, é importante que o profissional aborde os temas da hospitalização, considerando o significado destes na vida do paciente.

O setting terapêutico tradicional oferece algumas possibilidades de intervenção muito apreciadas na atuação clínica, como a mobilização do paciente em busca do serviço, o estabelecimento do contrato terapêutico entre as partes envolvidas, a exclusão de interrupções externas e ainda, o espaço de escuta em completo sigilo (ANGERAMI-CAMON, 1994).

Tais características não são possíveis quando pensamos na realidade institucional, pois os atendimentos acontecem pela iniciativa do profissional, não é estabelecido o contrato

terapêutico, as interrupções são constantes (equipe médica, de enfermagem, de limpeza), e o sigilo fica prejudicado já que o atendimento no leito não oferece nenhum tipo de privacidade, sendo separado por poucos metros um paciente do outro. Portanto, o psicólogo precisa ter claro que sua atuação no contexto hospitalar não é psicoterápica dentro dos moldes do setting terapêutico.

Dentro dessa questão, podemos perceber que é bastante comum psicólogos que atuam em instituições hospitalares, onde dificilmente é possível aplicar os modelos tradicionais de atuação, duvidarem da eficiência e cientificidade de sua tarefa (CHIATTONE, 2009).

Alguns autores retratam a importância da Psicologia Hospitalar tendo como principal objetivo minimizar o sofrimento causado pela hospitalização. O processo de hospitalização tem que ser encarado como um conjunto de fatos que se originam desse processo e suas implicações na vida do paciente, ou seja, tudo o que permeia o bojo da hospitalização (ANGERAMI-CAMON, 1994).

Segundo Castro e Bornholdt (2004, p. 50)

De acordo com a definição do órgão que rege o exercício profissional do psicólogo no Brasil, o CFP (2003), o psicólogo especialista em Psicologia Hospitalar tem sua função centrada nos âmbitos secundário e terciário de atenção à saúde, atuando em instituições de saúde e realizando atividades como: atendimento psicoterapêutico; grupos psicoterapêuticos; grupos de psicoprofilaxia; atendimentos em ambulatório e unidade de terapia intensiva; pronto atendimento; enfermarias em geral; psicomotricidade no contexto hospitalar; avaliação diagnóstica; psicodiagnóstico; consultoria e interconsultoria.

Portanto, podemos perceber que a atuação do psicólogo hospitalar acontece em diversos contextos e mediante diversas possibilidades de atuação. São necessários alguns cuidados com este profissional e todos os outros da área da saúde. Estes profissionais são colocados diante de situações existenciais complexas como a doença e a morte. São constantemente submetidos ao contato repetido com a dor e sofrimento, com iminência de morte de pacientes com os quais ele se vincula. Precisam lidar com sentimentos de frustração e impotência constantemente (MOTA, MARTINS e VÉRAS, 2006).

Diante de todo o exposto podemos perceber que cada vez mais o psicólogo tem sua inserção no contexto hospitalar, e para tanto, necessita reinventar as formas de atuação profissional ajustando-as à realidade institucional. É cada vez mais necessário que o psicólogo saia do consultório particular e se adapte às várias necessidades de alívio do sofrimento da população.

INTERVENÇÕES REALIZADAS

Pretende-se descrever, neste momento, as intervenções realizadas na prática do estágio supervisionado que é integralizado no último ano da graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás. Os atendimentos relatados foram realizados no Centro Municipal de Saúde Dr. Serafim de Carvalho.

A estagiária realizou atendimentos como atendimento psicológico nos leitos das salas de observação da ala de Emergência, nos leitos da Sala Pré-Parto, e ainda nos leitos adulto e infantil da ala da Internação. Além disso, foi realizado um trabalho em grupo na Maternidade do hospital, levando informações sobre a importância do aleitamento materno, a educação, o desenvolvimento infantil e outros. O trabalho em grupo também acontece nas salas de espera dos Consultórios Médicos e Odontológicos e da Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Para executar tais tarefas, a estagiária cumpriu oito horas de estágio na instituição, sendo estas divididas em três dias na semana.

Os atendimentos na ala da Emergência variam de acordo com o número de pacientes e o tipo de demanda, pois às vezes, enquanto a estagiária atende na sala de observação, é necessário que ela deixe esse local e acolha pacientes que estão chegando ao hospital em momentos de desespero e sofrimento. Essa ala é composta por três salas de observação, sendo uma feminina, uma masculina e uma infantil, cada uma com seis leitos. Além de contar com três salas de pronto-atendimento, com dois leitos em cada uma. Dessas últimas, se for o caso, os pacientes são encaminhados para as salas de observação. Quando isso não é necessário, os pacientes são liberados. Enquanto que nas primeiras, quando necessário, o paciente é encaminhado para a ala da Internação. Em média, são atendidos dezoito pacientes em tal área do hospital.

A Sala Pré-Parto é composta por três leitos. Já a Maternidade é dividida em duas salas com cinco leitos cada uma. No ambiente pré-parto, a estagiária realiza um serviço individual

com as futuras mães, acolhendo o significado dos sentimentos no momento e minimizando a ansiedade frente ao parto.

Nas salas da Maternidade, o trabalho da estagiária aconteceu de maneira diferente, pois ela se dirige a todas as mães simultaneamente levando informações que dizem respeito ao desenvolvimento infantil, à importância do aleitamento materno, à educação e à constituição da criança como indivíduo.

Na ala da Internação, área do hospital que conta com cinco salas de seis leitos cada uma, sendo que apenas uma delas é destinada à internação infantil, a estagiária realizou o atendimento psicológico em cada leito, acolhendo o sofrimento do paciente frente à dor, à doença e à hospitalização. Levando em conta que quase sempre todos os leitos estão ocupados, podemos considerar que são atendidos, em média, trinta pacientes a cada dia, somente na ala da Internação.

Em muitos casos, quando o paciente não está lúcido, ou apresenta estado terminal, a Psicologia trabalha, principalmente, com a família, no caso, os acompanhantes do paciente.

É visível a importância do atendimento ao familiar do paciente, quando entendemos a família como um sistema interdependente, ou seja, o problema de um membro afeta todos os outros. Portanto, hospitalizações, doenças e procedimentos médicos ameaçam o sistema familiar, podendo alterar, inclusive, os papéis e os canais de comunicação (KLEIN e GUEDES, 2006).

Sendo assim, se justifica o atendimento ao familiar do paciente internado. Esse trabalho acontece, principalmente, no sentido de acolher o sofrimento dos familiares diante da hospitalização, do serviço público oferecido, das ansiedades frente a procedimentos cirúrgicos. No caso de pacientes terminais, o atendimento aos acompanhantes volta seu foco para o acolhimento do sofrimento frente à perda iminente, auxiliando para que os familiares expressem seus sentimentos. Além disso, a estagiária cria um ambiente de despedida, para que, aos poucos, os familiares entrem em contato com a perda.

Nas salas de espera dos Consultórios Odontológicos e Médicos, a estagiária se dirigiu a pequenos grupos, investigando sobre o atendimento que recebem e as ansiedades frente à consulta. Já na sala de espera da UTI, a estagiária realizou um trabalho com os acompanhantes dos pacientes internados. Foram atendidos individualmente os familiares, acolhendo as demandas que eles apresentam, como por exemplo, dor frente à possibilidade de perda do ente querido. É difícil realizar esse trabalho em grupo em tal contexto, porque os familiares ficam dispersos na sala e na frente do hospital.

Neste trabalho foi de fundamental importância a cooperação da equipe de saúde do hospital. Em diversos momentos, a estagiária foi solicitada, principalmente pela equipe de enfermagem, para atender casos de pacientes que apresentavam dificuldades emocionais na internação.

DESAFIOS DA PRÁTICA

Os atendimentos devem ser realizados de forma diferente da Psicologia Clínica tradicional. As intervenções são breves e pontuais. É necessário fazer um fechamento em cada atendimento, pois não se sabe se determinado paciente será visto novamente, pensando em casos de alta e morte. Em relação à formação curricular, é nítida a falta de disciplinas teóricas e principalmente práticas que contemplem a área da Psicologia Hospitalar. Podemos confirmar esse fato, constatando que na biblioteca da Universidade Federal de Goiás – Câmpus Jataí é possível encontrar apenas um livro que retrata o assunto - “Tendências em Psicologia Hospitalar”.

Angerami-Camon (1994) reflete sobre o objetivo da atuação do psicólogo hospitalar, afirmando que o trabalho deste se direciona a fim de minimizar o sofrimento ocasionado pela hospitalização. A grande maioria dos pacientes utiliza esse espaço de escuta para expressar seus sentimentos em relação ao hospital, de suas saudades, de suas faltas, de suas insatisfações com a hospitalização, de sua despersonalização, onde o seu desejo não tem espaço.

Chiattonne (2009) descreve as dúvidas que o psicólogo tem em relação à sua atuação diante de um contexto tão complexo e tão distinto da clínica tradicional. Em alguns momentos a atuação pareceu não ter sentido. Porém, quando percebemos que foi possível minimizar o sofrimento do paciente, apenas proporcionando-lhe um momento de alívio e expressão de sentimentos penosos, entendemos que a prática do psicólogo hospitalar é fundamental. A estagiária tentou se imaginar no lugar do paciente, pensando e sentindo como seria se estivesse naquela situação. Isto facilitou a vivência da empatia. Para Goldstein e Michaels (1985), a expressão que mais explica o termo alemão *emfühlung* (empatia), é “sentir-se dentro”. Seria a tentativa de entender, compreender e sentir o que o outro sente.

A técnica do duplo proveniente do Psicodrama foi bastante utilizada pela estagiária. Esta técnica é desempenhada por uma pessoa que auxilia, que está em condições de sentir na

situação do paciente e expressar o que ele sente e pensa (CUKIER, 2002). É a tentativa de traduzir em palavras, o que muitas vezes o paciente demonstra estar pensando ou sentindo, para que ele possa entrar em contato com esse sentimento e, principalmente se sentir acolhido.

SUPERVISÕES DIDÁTICO/CLÍNICAS

As supervisões com docente foram realizadas semanalmente. O intuito era o de oferecer um espaço de relato dos atendimentos com a orientação do docente com as possibilidades de intervenções e manejo das relações com a instituição hospitalar. O objetivo foi o de orientar para a adequação das intervenções que deveriam ser pontuais e breves bem como orientar para o adequado relacionamento com a equipe de saúde e com as normas da instituição.

Além das orientações técnicas, metodológicas e éticas, entendemos que o espaço de supervisão dos estágios de Psicologia deveria ter um caráter clínico (TÁVORA, 2002). O supervisor docente pode utilizar-se de suas habilidades clínicas da sua formação como a escuta e o acolhimento para fomentar o crescimento pessoal do estagiário. A formação em Psicologia é complexa, deve transcender a mera transmissão de conhecimentos teóricos e práticos. É desejável que o profissional psicólogo esteja em processo de crescimento pessoal e mudança.

As supervisões semanais tinham quatro horas de duração. A primeira parte, de duas horas, era destinada para o relato dos atendimentos com a orientação e indicação de textos teóricos. A segunda parte, de duas horas, era destinada ao trabalho clínico com as questões emocionais da estagiária. É importante assinalar que não era realizada uma psicoterapia com a estagiária, trabalhava-se clinicamente com as questões emocionais envolvidas no papel de estudante/estagiária. Em algumas vezes, o supervisor docente trabalhou clinicamente com o material emergente da estagiária. Nestes casos, a estagiária trazia as ansiedades experimentadas nos atendimentos diante do sofrimento dos pacientes e da iminência da morte que ronda os pacientes terminais. O sofrimento da estagiária era intenso, pois ela estabelecia um vínculo com o paciente e, às vezes de forma repentina, este vinha a óbito. Restava a estagiária a certeza de que tinha feito o melhor que pôde e que tentou proporcionar dignidade aos momentos finais do paciente.

Alguns trabalhos clínicos nas supervisões eram mais estruturados. O supervisor docente propunha técnicas com o objetivo de trabalhar questões ligadas à prática do estágio e

às ansiedades experimentadas no último ano de graduação. As pressões advindas da iminente entrada no mercado de trabalho e a incerteza quanto ao domínio das habilidades profissionais foram temas recorrentes. Como um exemplo de técnica utilizada, citemos a “Linha da Vida”. Originalmente, emprega-se esta técnica pedindo ao cliente que desenhe uma linha de sua vida, colocando um ponto que indique seu nascimento e outros pontos com acontecimentos significativos da vida da pessoa. Esta técnica foi adaptada pedindo à estagiária que fizesse uma linha de sua vida como estudante de Psicologia. Ao invés do momento do nascimento, ela retratou o momento de entrada no curso. Pudemos explorar o momento da escolha profissional, a sua entrada no curso, as expectativas ao ingressar e as experiências mais importantes durante a graduação. Foi pedido a ela que também colocasse três coisas que gostaria que acontecesse no futuro. Além de trabalhar o significado das experiências passadas para a construção de sua identidade profissional, foi importante o trabalho com as expectativas futuras e a reflexão do que a estagiária precisava fazer para alcançar seus objetivos.

A estagiária se mostrou bastante aberta às discussões sobre os momentos importantes em sua formação, apresentando, inclusive, a vivência do estágio em Psicologia Hospitalar como um marco em sua formação profissional.

Além disso, ela relatou o quanto foi importante “olhar para trás” e ver o quanto trabalhou para chegar nesse momento; e principalmente, o quanto é importante olhar para o futuro e elencar os acontecimentos desejados, analisando o que é necessário fazer para alcançar os objetivos demarcados. Segundo ela, isso aproxima a concretização desses sonhos de sua realidade, pois é possível perceber quanto falta para chegar ao que se deseja e trilhar o caminho a ser percorrido.

EVOLUÇÃO PESSOAL

Segundo a estagiária, esta iniciou o estágio em Psicologia Hospitalar, com conhecimento restrito sobre a área, adquirido em eventos de psicologia que participara, já que em sua formação não foi ofertada nenhuma disciplina que abordasse esse âmbito. Nesse sentido, ela apresentou significativa evolução, já que se empenhou bastante em leituras sobre o tema, incluindo as questões psicológicas e as médicas, senda estas importantes para o entendimento de procedimentos e linguagens do hospital.

Para tanto, foi fundamental a supervisão, pois nela, seu supervisor indicava leituras e temas que auxiliaram no atendimento e na confecção dos grupos da sala de espera. Além disso, como o supervisor aplicava técnicas para o momento clínico da supervisão, a estagiária pôde utilizar-se de algumas dessas experiências para a sua prática no estágio.

A estagiária relatou o quanto foi importante receber os feedbacks de seu supervisor, tanto para aperfeiçoar sua prática, como para avaliar seu desempenho como psicóloga em formação. A estagiária destacou o quanto ela evoluiu, pois no início, sentia que seus atendimentos não estavam, de fato, auxiliando seus pacientes, ou seja, ela não via sentido em tal prática. Ao vislumbrar os atendimentos realizados pela sua orientadora na instituição, ela sentia que para ser uma psicóloga hospitalar competente ainda teria de trabalhar muito. No entanto, a supervisão a ajudou a perceber que seus atendimentos faziam muita diferença na vida dos pacientes e de seus familiares. Além disso, sua atuação é diferente da atuação de sua orientadora. Não se trata de uma questão de competência e sim de características pessoais.

Examinamos os efeitos da parte clínica da supervisão. A estagiária relatou a importância que tal momento teve em sua formação e atuação profissional. A aluna pôde expressar, sem julgamento, as sensações e sentimentos que a prática do estágio suscitavam. A parte clínica da supervisão cria um espaço de escuta, onde a estagiária pôde relatar suas dificuldades e apreensões que a perpassavam, o último ano de faculdade e tudo o que envolve esse período. A angústia do primeiro emprego, o medo de não conseguir se destacar no mercado de trabalho, a ansiedade frente à separação do ambiente acadêmico e professores, dentre outros.

Portanto, pudemos perceber o quanto essa nova forma de supervisão contribui para a formação pessoal e profissional do aluno, sendo imprescindível esse espaço de escuta e reflexão sem julgamentos, fomentando os melhores caminhos para alcançar os objetivos pessoais e aperfeiçoar a prática ainda em formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi brevemente caracterizado o contexto de atuação do psicólogo hospitalar que se diferencia da prática clínica tradicional do consultório particular. Na instituição de saúde, os atendimentos são de caráter breve e pontual. O relacionamento com a

equipe de saúde bem como o conhecimento das características da instituição são de fundamental importância.

Os desafios colocados diante da estagiária em entrar em contato com questões existenciais complexas como a doença e a morte, além das dificuldades vividas pelos alunos no último ano de formação, revelou a necessidade de fomentar um espaço clínico nas supervisões. O supervisor com formação em Psicologia Clínica facilitou nas supervisões a construção de uma dimensão de escuta das ansiedades vividas bem como a emergência do crescimento pessoal da estagiária. O desenvolvimento pessoal do psicólogo está profundamente imbricado na sua atuação profissional. A pessoa do psicólogo é a sua principal ferramenta de trabalho. Ao longo do estágio realizado, a estagiária adquiriu um maior autoconhecimento, o que proporcionou, somado aos seus estudos e dedicação, um diferencial na sua abordagem aos pacientes do hospital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGERAMI-CAMON, V. A. O psicólogo no hospital. *In*: ANGERAMI- CAMON, V. A. (org.), **Psicologia Hospitalar – Teoria e Prática, São Paulo**, Pioneira, 1994, p. 15-28.

ARAUJO, T. C. C. F. Segunda Conferência Internacional Reconstruindo a Psicologia da Saúde. **Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília**, 2001, v. 17, no 2, p.199-200.

CASTRO, E. K. de e BORNHOLDT, E. Psicologia da saúde x psicologia hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional. **Psicologia Ciência e Profissão, Brasília**, set. 2004, vol. 24, no. 3, p. 48-57. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n3/v24n3a07.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2012.

CHIATTONE, H. B. C. A significação da psicologia no contexto hospitalar. *In*: ANGERAMI-CAMON, V. A. (Org.). **Psicologia da saúde: um novo significado para a prática clínica. São Paulo**, 2009. Cengage Learning, p. 73-158.

CUKIER, R. **Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria. São Paulo**, Àgora, 2002.



KLEIN, M. M. S. e GUEDES, C. R. Intervenção psicológica com grupo de acompanhantes da pediatria: relato de experiência. **Psicol. hosp., São Paulo** [online]. 2006, vol.4, n.2, pp. 1-15. ISSN 1677-7409. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v4n2/v4n2a04.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2012.

MOTA, R. A., MARTINS, C. G. M. e VÉRAS, R. M. Papel dos profissionais de saúde na política de humanização hospitalar. **Psicologia em Estudo, Maringá**, mai./ago. 2006, vol. 11, no. 2, p. 323-330. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a10.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2012.

PAVARINO, M. G., DEL PRETTE, A. e DEL PRETTE, Z. A. P. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. **PSICO, Porto Alegre, PUCRS**, maio/ago. 2005, v. 36, n. 2, pp. 127-134. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1382/1082>. Acesso em: 16 abr. 2012.

TÁVORA, M. T. Um modelo de supervisão clínica na formação do estudante de psicologia: a experiência da UFC. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 7, n. 1, p. 121-130, jan./jun. 2002.